

Julietta Mendonça

Nem todas as pessoas têm facilidade com a escrita e tampouco pensam em algum dia escrever um livro. Isso ocorre com a imensa maioria da humanidade. Apesar disso, há uma quantidade considerável de escritores, embora a maior parte seja desconhecida. Destes, alguns editam suas próprias obras, enquanto outros acabam por confiná-las na gaveta.

Aqueles que acessam a Ciência Conscienciologia, ao conhecê-la e se inteirarem um pouco das atividades a ela ligadas, percebem que escrever – primeiro verbetes, depois cursos, artigos e mais à frente livros – é um ato recorrente. Por que mais à frente? Porque, em geral, os livros contam as experiências evolutivas acontecidas com o autor, e ele precisa de uma bagagem considerável para compor as páginas de um livro e ter assunto suficiente para ser dividido em capítulos.

Ao começar a frequentar as instituições conscienciocêntricas, habitua-se com o *modus operandi* dessa Ciência e, porque nele está imersa a escrita, habitua-se com o fato.

Na instituição – ou instituições – elegida, começa a assistir às defesas de verbetes dos colegas, até que, um dia, se pergunta: por que não? A partir daí, interessa-se pelos cursos da *Encyclossapiens* e ensaia a escrita de seu primeiro verbete.

A bem da verdade, a escrita de verbete é bem diferente da escrita de um artigo ou livro, a técnica é outra, porém, a escrita do verbete ajuda a expandir o mentalsoma, treina a organização, a atenção, a logicidade, a disciplina e a lista é longa. Tudo isso é de ajuda inestimável ao desenvolvimento consciencial rumo à intelectualidade. Portanto, não seria ilógico pensar que a escrita de verbetes prepara para a escrita do livro.

Muitos param o treino grafopensênico nos verbetes; depois de escreverem o primeiro, fica mais fácil a produção dos próximos e, parece, *tomam gosto pela coisa* e apresentam outros verbetes, os quais também atestam o resultado de suas pesquisas, e dão-se por satisfeitos. Porém, pode-se considerar cada verbete como um capítulo do caminhar evolutivo, é a pesquisa a conta gotas, enquanto o livro pode condensar em suas páginas toda a pesquisa ou grande parte dela.

Contudo, os que têm o livro em suas próximas inquietam-se e acabam por aventar a possibilidade de escrever seu livro. Buscam um assunto, geralmente, o que está ínsito às suas experiências pessoais e, vez por outra, pensam nele como se estivessem amadurecendo a ideia. Não são todos os que agem assim, claro, porém essa é a atitude recorrente.

Ocorre que o amparo, tanto extra quanto intrafísico, é considerável para o escritor do primeiro livro, o amparador praticamente *carrega o amparando no colo*, põe ideias em sua mente e segura sua mão incentivando a escrita. Desse modo, nos momentos em que o aspirante a autor pensa no assunto que eleger para sua obra, saltam em sua memória lembranças de fatos vivenciados que corroboram sua escrita.

Alguns anotam essas lembranças de pronto, mas a maioria não, precisa de mais lembranças de vivências até alertar-se de que elas podem ser usadas em seu livro. Passa a anotá-las e, sem o saber, começou aí a escrita do livro.

É importante confiar e levar a sério o fato de haver amparo extrafísico para o primeiro livro. Confiar na presença do Amparador ao lado quando se predispõe a sentar e escrever, sabendo que as dificuldades com o ato de pôr as palavras no papel de modo lógico serão vencidas. Abrir-se para as inspirações e deixar o ego de lado, pois, nesse momento, pode haver a atuação de amparador especializado em escrita.

Lembre-se, é só um rascunho, e você fará inúmeros até seu escrito estar bom para editar. Cada novo rascunho é um atestado do seu aprendizado. Você mesmo, ao ler o que escreveu, vai perceber onde pode melhorar, e vai fazê-lo no próximo. Esse é o método do aprendizado mais usual entre os autorandos.

Não pense que os melhores e mais famosos escritores escrevem seus textos uma única vez. Eles fazem muitos rascunhos, refinam a ideia, encontram melhores palavras para expressar fielmente seu pensamento, utilizam-se da pontuação para dar ênfase a certas passagens do livro e a determinados detalhes e usam as várias e ricas possibilidades que a escrita oferece.

Atestei, e outros colegas também, inúmeras vezes, o exemplo do professor Waldo Vieira, no *Holociclo*: escrevia de vários modos diferentes a mesma ideia, analisava as diversas escritas e decidia-se pela mais lógica dentro do contexto específico do assunto em que estava trabalhando. Depois, víamos aquela ideia nos tratados que estava escrevendo na ocasião.

A escrita é de uma riqueza expressiva imensa, e isso acontece devido às tantas possibilidades de uso das variadas expressões. E expressões inusitadas saltam à mente, aquelas as quais não se está habituado a usar, são *mimo do amparador*. E você vai percebendo e aprendendo isso com o desenvolvimento da sua escrita dos próximos livros.

Escreva sempre, intercale a escrita de livro com a de artigos. Produza textos sem medo e sem censura ao que lhe vem à mente, os rascunhos existem para isso: o que não estiver coerente pode ser modificado ou a ideia pode ser apresentada de outro modo.

Quando passar por uma experiência marcante, mesmo que não sirva para o livro no qual está trabalhando, anote, porque não perde nada e pode ser material para próximos livros. Escreva e simplesmente escreva, pois não se pode saber qual de nossos livros será a obra-prima. Em geral, apenas se consegue essa obra depois de muito treino, depois de escrever muito e dominar os meandros ricos da escrita de livros, porque a obra-prima é a comunhão de um tema de ampla aceitação, que possa tocar muitas pessoas, ou representativo de algum conhecimento, com a forma de escrita ideal e enriquecedora desse conteúdo.

Lembre-se de que, em qualquer caminho, o prazeroso e gratificante é a caminhada em si e não o local da chegada. Essa caminhada tem muitas surpresas, terá dificuldades certamente, mas também terá momentos de facilidade e alegria. A maneira de encarar cada realidade que chega ao decorrer do caminho é que faz a diferença e a certeza do sucesso.

Mas antes de começar a escrever, pesquise. Primeiro, lembre-se das vezes em que sentiu forte presença do amparo extrafísico e fixe-se nisso. Segundo, procure as Instituições Conscienciocêntricas dedicadas à escrita e veja de que modo elas irão lhe ajudar quando precisar delas. Feito isso, a certeza interior de que vai publicar seu livro se instala. É essa certeza, que *faz acontecer*.

Escrever é um atestado de evolução consciencial também no sentido da autoconsciência, da autoestima e da autoconfiança. Isso porque escrever é se expor, e apenas quem ainda tem inseguranças sérias fica com vergonha, importa-se com a opinião alheia e não suporta críticas, confunde a crítica a seus livros como críticas a ele próprio (autor). Verifique se esse é o seu caso.

Há também o caso daqueles que se julgam tão importantes e inteligentes, geniais mesmo, e têm medo de seus livros não atestarem isso, jogando por terra a sua imagem social e consciencial tão bem construída, às vezes, a duras penas. Note, imagem social e não autoimagem, porque age assim quem sofre justamente de baixa autoestima e baixa autoconfiança e, lá no íntimo, é conhecedor disso.

Outra questão é considerar a escrita de livros algo tão difícil e quase inacessível a você, a ponto de olhar para os autores como pessoas importantes, inatingíveis porque, desse modo, mais difícil se torna escrever o próprio livro. Um antídoto poderoso para esse caso é observar os autores, verá que os conteúdos em seus livros são lições que ainda estão aprendendo, verá neles pessoas tão imperfeitas quanto você.

Analise-se. Aprume-se. E com a certeza de que pode conseguir, dê o recado ao seu mentalsoma e vá em frente.

Muito bem. Vamos escrever.

Você sabe falar, sabe conversar e até já apresentou seu verbete com uma linguagem adequada, certo? E se sabe falar, sabe escrever.

Vamos então ao exercício da escrita. Peça a alguém para lhe fazer uma determinada pergunta, qualquer pergunta, sobre qualquer assunto. Pense na resposta que vai dar, organize essa resposta em seu pensamento e a exponha devagar para a pessoa. Ao mesmo tempo, uma terceira pessoa, ou aquela que lhe fez a pergunta, vai escrever numa folha de papel, rapidamente, o que você está falando.

Leia o que você falou, faz sentido para você? O processo de escrever é justamente esse: ter uma ideia na cabeça, organizar essa ideia no pensamento e registrá-la no papel.

A partir daí, você está pronto(a) para começar a escrever seu livro.

Em primeiro lugar, aja como descrito no capítulo 3 do livro *Manual do Texto Dissertativo*, mais especificamente à página 32. Em uma folha de papel, distribua o tema, ou assunto, de seu livro em capítulos. Os exemplos desse Manual dar-lhe-ão uma ideia de como fazer. Separe essa folha.

Pegue papel e lápis – por que lápis e não caneta? Porque quando quiser excluir algo, é só apagar com borracha, se estiver à caneta, vai riscar e, daqui a pouco, o texto estará todo sujo, bagunçado e confuso; computador também não serve nesse momento, tira a atenção, existe a questão da digitação correta – então, pegue papel, lápis e borracha e pense em um dos fatos da sua lembrança sobre o tema que escolheu para seu livro.

Organize esse fato em seu pensamento da seguinte maneira: o que aconteceu primeiro e os acontecimentos na sequência. Apenas isso. Em seguida, fale para você mesmo o que pensou, essa fala alta serve para dar acabamento à organização dos fatos que fez em sua mente. Só agora escreva o que falou. Você pode não lembrar exatamente as palavras que disse, não importa, escreva outras, é rascunho e há muitas expressões para expor a mesma ideia, como já foi dito aqui.

Pense nas experiências ou fatos passados que geraram esse fato em análise, fale e escreva. Depois, pense nas consequências desse fato, externas e/ou internas, tipo sentimentos, para onde o levou. Fale e escreva. Por fim, pense no aprendizado, quais consequências evolutivas geraram, qual aprendizado auferiu. Fale e escreva.

Faça isso com todas as lembranças registradas.

A essa altura, você já está escrevendo seu livro e o amparo está a todo vapor, então, novas lembranças e *insights* fluirão. Registre tudo.

Repare; até aqui – salvo em raros casos nos aspirantes a autor – seu conteúdo geral do livro está sem sequenciamento lógico, isso é natural, você está apenas escrevendo fatos isolados. Continue. Lembre-se: é rascunho.

Após essa fase, e só nesse momento, você vai se preocupar em organizar esse conteúdo. Analise qual dos fatos registrados iniciou todo o processo da autopesquisa, veja que outros fatos podem ter sido consequência do primeiro, veja se há sequência de fatos, numere-os.

Volte à folha onde separou o tema em capítulos. Mas é bom saber que, no início, essa divisão de capítulos é apenas para sua própria orientação, depois, pode mudar de acordo com novas propostas de escrita que, sem dúvida, surgirão.

Agora é o momento de passar tudo para o computador, essa divisão de capítulos e tudo mais que escreveu. Depois de tudo passado para o computador, usando o recortar/colar, introduza os textos que fez das lembranças no capítulo específico, ou de mesmo assunto dos fatos lembrados.

A partir desse estágio, leia tudo com calma e vá readequando os textos.

Não se esqueça de usar as conjunções, também chamadas de operadores argumentativos, elas enriquecem os textos e fazem a coesão, de inestimável ajuda na escrita lógica. Elas estão à página 63 do livro de referência *Manual do texto dissertativo*.

A essa altura, já há texto consistente para mostrar aos amparadores intrafísicos que, então, começam a lhe ajudar.

Referência

1. **Mendonça**, Julieta; *Manual do Texto Dissertativo: Modo de Escrita da Redação Científica*; revisoras Cathia Caporali; et al.; 218 p.; 4 seções; 14 caps.; 19 E-mails.; 124 enus.; 3 esquemas; 23 exemplos; 26 exercícios; 1 foto; 1 microbiografia; 19 websites; miniglos. 23 termos; 62 refs.; 24 x 17 cm; br.; *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2011; páginas 32 e 63.

Julieta Mendonça é professora e revisora de textos, graduada em Letras (Português/Espanhol), autora do livro *Manual do Texto Dissertativo: o modo de escrita da redação científica* (2011), pela Editares.

E-mail: julietamendonca@yahoo.com.br